

Ações coletivas: Processos e condicionantes necessários.

por Jesus Marmanillo Pereira



Nas primeiras páginas do livro *O Poder em Movimento*, Sidney Tarrow expõe notícias do *International Herald Tribune* de 17 de março de 1997 e chama atenção para os inúmeros registros de protestos e rebeliões ocorridos na Iugoslávia, Albânia, Sérvia, Bornéu, Zaire oriental e Bélgica. O autor demonstra que todas as situações descritas foram marcadas pelo “poder” constante no confronto político e nos movimentos sociais.

Nos diferentes exemplos, o autor observa que “pessoas comuns” irromperam nas ruas e tentaram exercer o poder por meios contenciosos contra estados nacionais ou opositores mais fortes. Essas situações de confronto caracterizam, para o autor, um cenário privilegiado de estudos das condições de emergência de movimentos sociais, ou seja, “seqüências do confronto político baseadas em redes sociais de apoio e em vigorosos esquemas de ação coletiva e que, além disso, desenvolvem capacidade de manter provocações sustentadas contra opositores poderosos” (p.18).

Nessa perspectiva, ele compreende a ação coletiva como base dos movimentos sociais, enfatizando a necessidade de que essa seja estudada de acordo com um amplo quadro analítico composto de contribuições da história, sociologia, ciência política e antropologia. Tal abordagem interdisciplinar foi pensada para contextos caracterizados por situações de “mudanças nas oportunidades e restrições políticas” capazes de gerar nos participantes, uma série de incentivos materiais, ideológicos e partidários. Para tanto, considera fatores como: os desafios coletivos, as redes sociais ativadas, os *quadros interpretativos* construídos e a construção de solidariedades associadas a tais ações.

Expondo, inicialmente, estudos teóricos de autores como Karl Marx, Lenin e Gramsci, Sidney Tarrow observa a relação entre eles e as teorias recentes sobre ação coletiva. Nesse sentido, aponta como os estudos sobre *ação coletiva* foram tornando-se mais aprimorados e complexos, descobrindo a cada tempo, novos fatores e condições para a emergência e permanência dos movimentos sociais. Para tanto, demonstra uma série de perspectivas teóricas e formas de abordagens desenvolvidas ao longo das quatro últimas décadas, destacando: a teoria da escolha racional, a teoria da mobilização de recursos, a perspectiva sócio construtivista e o viés da sociologia histórica.

Título: *O Poder em Movimento: movimentos sociais e confronto político*

Autor: Sidney Tarrow

Ano: 2009

Editora: Editora Vozes

Local de publicação: Petrópolis, RJ
320 páginas

ISBN: 978-85-326-3828-1

Ao falar sobre as condições da luta política, destaca um dos pilares fundamentais do livro, que é a noção de *estrutura de oportunidades políticas*. Contrariamente a perspectiva da mobilização de recursos, voltada para explicação dos fatores e condições existentes no interior dos movimentos de reivindicação, a perspectiva da *estrutura de oportunidades políticas* inseriu o elemento político e histórico na análise das ações coletivas de confronto, garantindo assim uma abordagem mais estrutural. Com esse viés analítico, buscou sintetizar às principais contribuições dos estudos sobre *ação coletiva de confronto*, a fim de criar um modelo analítico que considerasse os condicionantes internos e externos para o desenvolvimento da mesma.

Ao discorrer sobre a *ação coletiva modular*, o autor destaca a dimensão histórica e cultural dos repertórios de ação, desenvolvendo uma explicação pautada em duas perspectivas: a orientação dos detentores de poder e o âmbito da ação (local e nacional). Empiricamente analisa antigos e novos repertórios desenvolvidos na Europa ocidental e na América do Norte, de onde extrai as noções de *repertórios tradicionais* e *repertório modular*. Grosso modo, pensa os dois tipos de repertórios: 1) em relação à capacidade de utilização em diferentes contextos, 2) considerando a forma como se desenvolvem tais ações, por encenações, boicotes, ações violentas, e 3) quanto às características da ação coletiva- propósitos comuns, solidariedade etc..

Ao valorizar a dimensão histórica, Sidney Tarrow enfatiza que os movimentos sociais como são conhecidos hoje datam desde os séculos XVIII, com forte influência de mudanças estruturais, como a da imprensa comercial e dos novos modelos de associação e socialização, relacionadas ao capitalismo. Entre outras coisas o autor percebe que essas possibilitaram a difusão de informações entre pessoas de diferentes regiões e processos associativos conhecidos como *coalizões interclasses*.

Por meio de um estudo comparativo, o autor demonstra a utilização da noção de *estrutura de oportunidades*, tomando como exemplos da França, E.U.A e Inglaterra, onde se deteve sobre as diferenças nos padrões de construção do Estado e nas repercussões disto em termos de incentivos e constrangimentos para a formação de movimentos sociais, ou seja, para entender o que fazia as

peças arriscassem suas vidas nas ruas para clamar seus direitos é necessário não só conhecer fatores sociais e econômicos experimentados por elas, mas também as *oportunidades políticas* estruturadas de acordo com as características dos Estados “fortes” ou “fracos”.

Para destacar a importância das mudanças nas *oportunidades e restrições políticas* em relação ao fomento de mobilizações coletivas, o autor exemplifica os diferentes efeitos da crise de 1930 em países com diferentes características de estados - França, Inglaterra, E.U.A e Alemanha e enfatiza elementos específicos como o Popular Front Francês e o New Deal, considerando sempre o engajamento dos trabalhadores precarizados.

Com mais detalhes, Sidney Tarrow utiliza seu modelo teórico para interpretar as mudanças ocorridas na U.R.S.S e Sérvia, elencando pontos explicativos cruciais como: abertura política, realinhamento político, aliados fortes, divisões no interior das elites, o efeito polarizador da violência, a dinâmica das manifestações e as rupturas pacíficas não impositivas - que combinavam confronto e convenção.

Em relação à forma de regime político, destaca as diferentes influências da democracia e dos regimes repressivos sobre os confrontos. Para o autor, a primeira possibilita um número maior de mobilizações pacíficas, mas retira dos mesmos, o elemento da “indignação” - valorizado nas segundas situações onde as ações coletivas são radicalizadas e unificadas em alvos centralizados. Com a democratização, a associação entre reivindicação e partidos políticos tende a aumentar, e com isso, as eleições passam a ter um papel fundamental na conquista e manutenção de valores, direitos.

Apesar das mobilizações serem explicadas, também, por tais condicionantes, o autor ressalta que nem sempre configuram movimentos sociais. É necessário que sejam reconhecidos tanto pelos apoiadores como pelos oponentes, que ocorram a ativação de redes, coalizões, de um modelo organizacional, de símbolos e formas de percepção ou *enquadramentos interpretativos* capazes de constituir pontos de conexão e formar laços identitários em grupos heterogêneos. Com a utilização dos *enquadramentos interpretativos* conhecidos também como *frames*, o autor valoriza as variáveis das análises sócio-constructivistas relacionadas a autores como Erving Goffman, David A.Snow e Robert D. Benford.

Outro tema abordado por Sidney Tarrow é a ampliação do confronto em ciclos gerais. Por meio de uma analogia entre ciclo de confronto e ciclo revolucionário, o autor elenca algumas características a respeito da dinâmica dos ciclos de confronto, por meio de algumas fases como as de “difusão” e “desmobilização”. Para tanto, destaca que as primeiras reivindicações podem

ser seguidas como exemplos, por grupos não relacionados ao confronto, ou ser combatidas por grupos antagônicos, gerando assim uma dinâmica caracterizada, tanto pela *difusão*, por meio de símbolos, ideologias e de um fluxo maior de informação - que indica uma ativação maior das redes, quanto pela *desmobilização* relacionada à cooptação e repressão desenvolvidas pelos grupos antagônicos.

No decorrer do confronto os custos pessoais inferem nas formas de reivindicação, podendo os líderes optar por formas moderadas ou radicais, de acordo com a manutenção do “grupo”. Além disso, ele percebe a importância do aspecto polarizador da violência, que pode esclarecer antagonismos e definir posições e das ações de facilitação e repressão, que pode desmobilizar ou extremizar as *ações coletivas de confronto*. Para exemplificar, o autor discorre sobre o que considera o primeiro ciclo moderno, a “primavera dos povos” ocorrida na Europa.

Finalizando o livro, toca em duas questões que também demonstram a complexidade dos movimentos sociais. Primeiramente expõe a dificuldade de estudos pautados nos “resultados” de ações coletivas de confronto (como greves, passeatas etc.), afirmando que para alguns especialistas, estes dependeram do poder de produção de rupturas, aberturas nas oportunidades políticas e obtenção de recursos internos.

Com base em pesquisadores como Charles Tilly (1978), o autor sugere que é preciso uma combinação de fatores – internos e externos organizacionais e políticos, estruturais e estratégicos - para conduzir os movimentos ao sucesso. No processo em que tais fatores se combinam, o autor percebe que há a formação de um aspecto “politizante” que possibilita aos participantes a aquisição de certas habilidades e que influencia vida pessoal dos mesmos, na estrutura familiar ou nos custos que causam. Para exemplificar, Sidney Tarrow discorre sobre os protestos de estudantes na França (1968) e de mulheres nos E.U.A(1960).

A outra questão é a da *transnacionalidade* do confronto. Para explicá-la, o autor interpreta o caso do fechamento da Renault na Bélgica, em 1997, e a repercussão disso no mundo dos trabalhadores. Nota como as manifestações (*Eurostrike*) da cidade de Vilvorde (BEL) difundiram-se, alcançando também os trabalhadores franceses. Para explicar essa difusão transnacional, expõe aspectos como: a expansão do mercado e globalização, as tecnologias de informação como televisão, computador, fax, a força dos estados nacionais. Para o autor todos esses aspectos favorecem uma abertura nas *oportunidades políticas*, ou seja, a capacidade de mobilização, aquisição de incentivos de contextos transnacionais fortalecem confrontos locais.

Sem abrir mão das principais contribuições dos estudos sobre movimentos sociais, o livro “O Poder em Movimento: movimentos sociais e

confronto político” representa um esforço de traçar uma morfologia complexa desse fenômeno social.

Dessa forma, os elementos culturais de identidade coletiva, históricos e políticos recorrem às contribuições de importantes autores europeus e norte-americanos como: Alberto Melucci, Erving Goffman, Karl Max, *Barrington Moore Jr*, *Eric J.E. Hobsbawm* *Charles Tilly*, Doug McAdam, *John D. McCarthy*, *Mancur Olson* e outros.

Enfim, Sidney Tarrow apresenta empiricamente por meios dos processos históricos esquema e modelos interpretativos interdisciplinares que tornam evidente seu bom diálogo entre teoria e prática. Considerando a multidimensionalidade de tais fenômenos sociais contribui significativamente na produção de conhecimento e no refinamento epistemológico das ciências sociais.

REFERÊNCIA

TILLY, Charles. *From Mobilization to revolution*. New York, Random House, 1978.